

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

BAHIA DELICIOSAMENTE HUMORÍSTICA: UMA EDIÇÃO DO CAUSO OTOMOVE DE EULÁLIO DE MIRANDA MOTTA

Liliane L. S. Barreiros (UNEB/UEFS)
lilianebarreiros@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Eulálio de Miranda Motta (1907-1988), poeta baiano, dedicou-se por mais de sessenta anos à atividade literária, deixando um copioso legado de textos éditos e inéditos (em sua maioria). Começou a publicar seus textos na década de 20, na cidade de Salvador, em revistas e jornais da época. Ainda em Salvador, publicou dois livros de poesias, na década de 30. Seu espólio é composto por diversos tipos de textos e entre eles consta um caderno manuscrito intitulado *Bahia Humorística*. Este caderno foi um projeto inacabado do poeta, com o qual pretendia publicar um livro de causos engraçados referentes à vida sertaneja na Bahia. Estes escritos são datados de 1933 a 1938, período em que o poeta mundo-novense já havia retornado para as suas origens.

Portanto, pretende-se neste trabalho fazer uma edição de um dos causos que compõe o caderno *Bahia Humorística*, intitulado "Otomove", reproduzindo-o diplomaticamente e apresentando o fac-símile do texto. Assim, tornar-se-á público um texto inédito, que permitirá múltiplas possibilidades de leituras e interpretações por parte de quaisquer pesquisadores que por ele se interesse. Além disso, oportunizará novos olhares para a produção literária do século XX, revelando aos leitores, no âmbito da literatura baiana, um escritor que ainda não pertence ao cânone literário, mas legou à humanidade um grande acervo de textos literários.

Quando se trata de um escritor que não teve grandes projeções em seu tempo, como é o caso de Eulálio Motta, o trabalho do editor representa uma relevância social e acadêmica, pois traz à tona a cultura, a história, a língua e a mentalidade de uma determinada comunidade, em uma determinada época. Ao resgatar uma obra do anonimato, contribui-se para a valorização da memória coletiva e da

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

cultura local, evidenciando as raízes de um povo, além de disponibilizar uma obra até então desconhecida.

1. Bahia deliciosamente humorística

A concepção de Eulálio Motta de publicar um livro de causos engraçados referentes à Bahia está presente desde as primeiras linhas do caderno *Bahia Humorística*, onde se lê:

1. Ha quem diga que no Brasil
não ha humorismo. Pois ha. Ha
e do bom. Quem afirma o con-
trario revela ignorancia com-
5 pleta da existencia da Bahia.
A Bahia é humorística, deli-
ciosamente humorística.
Muita⁶ razão tem Jorge Amado
quando diz:
- 10 – Eu fico admirado de não ser
A Bahia visitadíssima pelos tu-
ristas. Eu todo ano passo lá
8⁷ dias e decopilo o figa-
do.
- 15 Liota Eulalio

Essa obra inacabada representa um marco nas produções literárias de Eulálio Motta, pois inaugura os primeiros traços modernistas do autor. Nela, o escritor experimenta outras formas de conceber sua obra. Passa a explorar o verso livre, a representação escrita dos sons, dos falares regionais e a descrever o universo popular do interior baiano, através de diferentes tipologias textuais. Segundo Patrício Barreiros (2007, p. 37)⁸,

Neste caderno, Eulálio Motta narra episódios do cotidiano na fazenda, das histórias que ouvia contar da boca dos trabalhadores. Ele também explora as lendas, o folclore regional e o imaginário do homem sertanejo.

⁶ O autor riscou a palavra <Tem> e acrescentou na entrelinha superior [Muita].

⁷ O autor riscou a palavra <oit> e acrescentou na margem direita o número [8].

⁸ O espólio de Eulálio Motta encontra-se atualmente sob a guarda do pesquisador Patrício Barreiros, que vem desenvolvendo um trabalho de preservação e divulgação da obra do escritor, atribuindo sentido e revelando o seu conteúdo e valor inestimável para a literatura baiana.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Acredita-se que a dedicação às atividades cotidianas e o entrosamento com as pessoas da região tenham despertado o poeta mundo-novense para compor uma obra humorística, pois até então ele só havia se empenhado à poesia parnasiano-simbolista, com elementos românticos.

2. *Descrição do caderno*

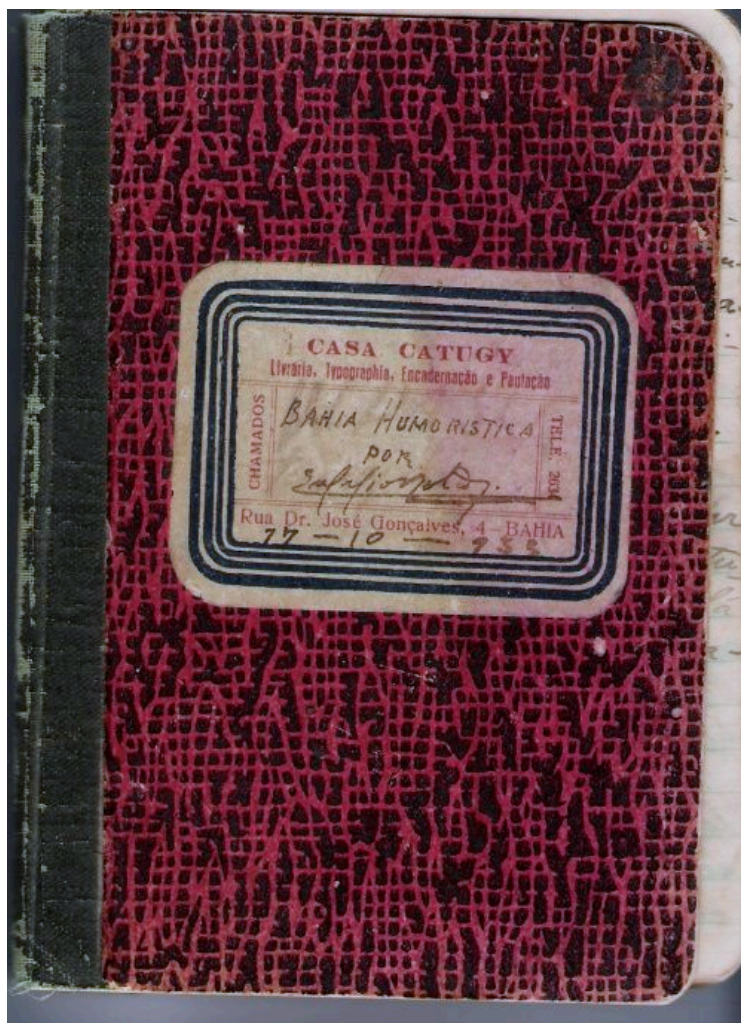
O caderno manuscrito *Bahia Humorística* abrange um período de 1933 a 1938 e está assinado e datado pelo autor. Trata-se de um testemunho único, um projeto que não veio a lume. Tem uma caligrafia regular, bem traçada e está escrita com tinta azul, preta e a lápis, com um número significativo de correções autorais. Apresenta bom estado de conservação, porém as marcas do tempo e a tinta corrosiva têm dificultado a leitura de algumas partes. Todos os fólios são numerados à direita, no ângulo superior da folha.

As dimensões são de 160 mm X 110 mm. Contém capa em cor vermelha e preta, com uma borda preta no lado esquerdo. A encadernação é costurada. Contém 79 folhas todas escritas no recto e no verso. As folhas contêm 19 pautas cada uma. (Barreiros, 2007, p. 95).⁹

O caderno é composto por uma diversidade de textos, que vai desde as anotações diárias, receitas de remédios, contas, descrição do gado, trechos da bíblia, poemas diversos e o prefácio do terceiro livro de poesias que o autor pretendia publicar até aos causos ouvidos de pessoas simples do sertão baiano.

⁹ A descrição e catalogação do espólio de Eulálio Motta foi apresentada como um capítulo da Dissertação de Mestrado intitulada *Cantos tristes no cemitério da ilusão*: edição dos sonetos de Eulálio Motta, defendida no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, na Universidade Estadual de Feira de Santana em 2007.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04



Fotografia do Caderno *Bahia Humorística*

3. A edição do texto

Sabe-se que a singularidade do objeto de estudo dita o comportamento a ser adotado pelo editor. Este deve buscar dentre os vários tipos de edição o que mais se adequar ao material em questão. Portanto, por se tratar de um testemunho único, adotou-se a lição conservadora, que busca manter a grafia original da *scripta* do texto. Logo, o mais adequado é reproduzir o texto diplomaticamente e apresentar o fac-símile do texto. Segundo Cambraia (2005, p. 91), esses dois tipos de edições são adequados aos textos monotestemunhais por apresentar intervenção mínima do editor, possibilitando ao leitor o conhecimento do modo de escrever do homem de qualquer tempo.

3.1. A edição fac-similar

A edição fac-similada é uma reprodução fiel ao original de um texto e tem por objetivo aproximar o leitor da obra, visualizando as marcas gráficas sem manuseá-la. Trata-se de uma representação fotográfica do texto original, obtida por meios mecânicos (litografia, fotografia, fototipia etc.) e não inclui a intervenção do editor no corpo do texto reproduzido. Entretanto, segundo Priego (1997, p. 44)

[...] no es recomendable fiarse ciegamente de facsímiles y reproducciones. Muchas veces los materiales empleados o el próprio estado del original no son buenos, por lo que el resultado puede ser deficiente y engañoso [...]

Por conta disso, é conveniente que o fac-símile venha acompanhada da reprodução diplomática do texto, ou seja, uma vem complementar a outra.

3.2. Descrição física do texto

Manuscrito em tinta azul, em folha pautada, a qual se está amarelada devido à ação do tempo. A mancha escrita medindo 140 mm X 110 mm. O título encontra-se centralizado na parte superior da folha, acima da primeira linha. Apresenta numeração à direita, no ângulo superior da folha, em tinta vermelha. Na margem direita consta uma mancha provocada por água.

O fac-símile

vida sertaneja

Stomove

banime pôde crê que nã há neste mundo
bicho pra corê mais que Stomove. Enquanto o dea
bo cria um rio Stomove travessa o mundo
dum lado pra outro. Um dia disse seu ^{de} Legião
beber uma chicha de café quente na fôrça, bo-
tou o resto do café numa chicalateira feita
de boca de prata, e ~~entra~~ meteu no stomo-
ve e tocou pra Monte Alegre; bozeou, an-
te do café isprã tudea o home no Ma-
te Alegre! Bicho lamado pra corê! Sai
da Feira de Sant' Ana, naquelle fim de
mundo, e quando a gente ainda qui-
mad, sic êle no Monte Alegre! Bur
Jicúis que aquilo sic mais corê. Aqui-
lo já é é avô! Da Feira de Sant' Ana
pra Monte Alegre o peste do bicho passa
ligeiro ^{de} fozole d'agua na guela dum ri-
bente.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

3.3. A edição diplomática

3.3.1. Critérios adotados na edição

A edição obedecerá aos seguintes critérios:

- i) Respeitar fielmente o texto: grafia (letras e algarismos), linha, fôlio etc.;
- ii) Numerar o texto linha por linha, indicando a numeração de cinco em cinco à margem esquerda;
- iii) Separar as palavras unidas e unir as separadas;
- iv) Desdobrar as abreviaturas apresentando-as em itálico;
- v) Utilizar colchetes para as interpolações;
- vi) Utilizar chaves para as letras e palavras expurgadas;
- vii) Indicar as rasuras ilegíveis com o auxílio de colchetes e reticências;
- viii) Expontuar as letras de leitura duvidosa.
- ix) Registrar em notas as correções, rasuras e acréscimos feitas pelo autor.

O texto

1 Vida Sertaneja

Otomove¹⁰

Vamincê pode crê qui não hai neste mundo
bicho pra corrê mais que otomove. Enquanto o dea_

5 bo coça um oio otomove travessa o mundo
dum lado pra outo. Um dia dêsse seu *Coronel Zezim*
bebeu uma chicra de café quente na Feira, bo –
tôu o resto do café numa chicutatêra preta
de bôca de prata, e <outro>¹¹ montou no otomo_
10 ve e tocou pru Monte Alegue¹²; homem, an –

¹⁰ *Bahia humorística*, [s.d.], f. 9r.

¹¹ Palavra autógrafa riscada.

¹² Hoje, município de Mairi – BA.

te do café isfriá tava o home no Mon_
te Alegue! Bicho danado pra corrê! Sae
da Feira de Sant'Ana, naquele fim de
mundo, e quando a gente cuida qui
15 não, óie êle no Monte Alegue! Pur
Jisúis que aquilo né mais corrê. Aqui –
lo já é é avoá! Da Feira de Sant'Ana
pru Monte Alegue o peste do bicho passa
mais ligeiro de que um góle d'agua na guela dum vi –
20 vente.

4. Conclusão

Conforme atesta Patrício Barreiros (2007), o texto *Otomove* evidencia a reação do homem sertanejo diante da vida moderna, a velocidade do automóvel que transformou a vida no sertão, onde as distâncias eram percorridas a pé ou em lombo de animais. Trata-se de uma pequena narrativa na qual Eulálio Motta tenta resgatar os falares e o universo do povo sertanejo. Talvez o retorno à cidade natal, o convívio com o cenário e personagens de sua infância, sejam os motivos pelos quais, a partir de 1933, ele passe a se dedicar a textos de cunho memorialístico. A partir deste momento, Eulálio irá experimentar outras formas de conceber sua obra poética, lançando-se no universo da crônica e empreendendo uma busca pela representação da cultura popular do interior da Bahia.

A partir do texto editado comprova-se que os causos são verdadeiras manifestações da cultura popular rural, podendo ser considerados como ritos populares, da mesma maneira que são os provérbios, as modinhas, as festas religiosas, os carros de boi. São textos compostos de resquícios da linguagem sertaneja, o que os tornam uma obra para os estudos da cultura social. Hoje essa linguagem tornou-se exótica, visto que o desenvolvimento urbano e, conseqüentemente, os avanços do sistema educacional, vem implantando um modo de expressar baseado na gramática normativa.

Atualmente, apenas em raras ocasiões, pode-se encontrar alguém (quase sempre um ancião) que utiliza essa linguagem, embora não o faça mais de forma pura, mas sim mesclando a fala caipira com expressões urbanas. Assim, além da linguagem, os causos são depositários das práticas e da representação cultura rural e por meio deles é possível compreender aspectos da cultura popular dos ho-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

mens e mulheres dos séculos passados. Pode-se, portanto, afirmar que os causos são instrumentos para a análise da representação coletiva sertaneja e não meramente uma produção individual.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: EDUFPE; FJN; Massangana, 1994, p. 5-54.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

BARREIROS, Patrício Nunes. *Cantos tristes, no cemitério da ilusão: edição dos sonetos de Eulálio de Miranda Motta*, 2007. 346 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

_____. Da organização do espólio à edição crítica da obra de Eulálio de Miranda Motta. In: *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CIFE-FIL, v. IX, n. 10, p. 117-128, 2005.

_____. Resgatando a memória cultural do sertão baiano através da obra de Eulálio de Miranda Motta. In: *ANAIS DO IV ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, INIC*. São José dos Campos: UNIVAP, p. 156, 2000.

_____. Um Correspondente dos sertões: travessias poéticas. In: *ANAIS DA 52ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC*. Brasília: SBPC, p. 258, 2000.

_____. Uma tentativa de resgate da memória através da produção literária de escritores sertanejos. In: *ANAIS DO V ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA*. Taubaté: UNITAU, p. 48, 2000.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de paleografia e diplomática*. 2. ed. Santa Maria: EDUFMS, 1994.

CABRAL, Tomé. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: UFC, 1982.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

CALMON, Pedro. *História da literatura baiana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COUTINHO, Afrânio. *Literatura no Brasil*. 7ª ed. Global: São Paulo, 2004.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

LAUFER, Roger. *Introdução à textologia: verificação, estabelecimento, edição de textos*. Tradução de Leda Tenório da Mata. São Paulo: Perspectiva, 1980.

PICCHIO, Luciana Stegagno. O método filológico: comportamentos críticos e atitude filológica na interpretação de textos literários. In: _____. *A lição do texto: filologia e literatura; Idade Média*. Lisboa: Signos, 1979. p. 210-235.

PRIEGO, Miguel Ángel Pérez. *La edición de textos*. Madrid: Síntesis, 1997.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poetica; EDUSP, 1994.